

Movimentos conservadores e cinema norte-americano cruzados: política, cultura e sociedade em debate no tempo presente (1992 – 2012)

IGOR LAPSKY*

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como é debatido, nos filmes norte-americanos, temas importantes da agenda dos movimentos conservadores dos EUA como política externa, segurança, homossexualismo, meio ambiente, controle de armas, aborto e migração. Para tal, é necessário compreender o histórico destes movimentos inserido no contexto político do país, principalmente a partir dos anos 1990, durante o governo Clinton, até as eleições presidenciais em 2012, que tem Mitt Romney como principal figura no partido Republicano para disputar o cargo com o atual presidente Barack Obama.

Em primeiro lugar, é fundamental para o nosso estudo esclarecer a diferença entre as diversas vertentes do conservadorismo norte-americano, principalmente os *neocons* e os *paleocons*, pois estes tem influência direta na política do país, seja em contraposição aos mandatos democratas de Clinton e Obama e/ou apoiando o governo Bush durante a primeira década do século XXI.

Os paleoconservadores (*paleoconservatives*, *paleocons*) tem o pensamento pautado na força da sociedade civil e questões morais, como respeito à família e crítica ao casamento homossexual; crítica ao colonialismo e federalismo; defesa de um governo limitado e uma política orientada pela religião, aspectos oriundos da tradição da Revolução Americana no século XVIII. Esta "tradição" é usualmente lembrada durante protestos contra o governo, a partir da memória do movimento do período da independência, além de ser o cerne da criação do Tea Party, que será abordado adiante. Um dos principais pensadores desta corrente foi Russel Kirk (1914 - 1994), autor de *The Conservative Mind* (1953), obra que aborda a agenda dos Pais Fundadores (membros que tiveram influência na Revolução Americana) como exemplos a serem seguidos na sociedade contemporânea.

Os neoconservadores (*neoconservatives*, *neocons*) possuem elementos da tradição defendida pelos paleoconservadores, e ampliam o debate a partir de pensamentos sobre intervenção militar e livre-mercado. Entretanto, existe desacordo entre as duas vertentes,

* Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, editor da Revista Eletrônica do Tempo Presente e Coordenador no projeto de Formação Continuada e Nova EJA proposto pela SEEDUC-RJ em parceria com a Fundação CECIERJ.

principalmente em questões como imigração, ações afirmativas e ajuda externa, aspectos duramente criticados pelos *paleocons*, que veem nestes elementos um motivo para o aumento dos impostos cobrados no país. Algumas das principais figuras do neoconservadorismo norte-americano são *Irving Kristol* (1920 - 2009), *Dick Cheney* (1941) e *Paul Wolfowitz* (1943), estes últimos presentes no governo George W. Bush.

Em Novembro de 1992, Bill Clinton, do Partido Democrata, ganhou a eleição para presidente dos Estados Unidos, com 43% dos votos contra 37% de George H. W. Bush, do Partido Republicano, que estava tentando a reeleição. Esta vitória dos democratas representou o fim de doze anos de mandato dos republicanos, no poder desde 1981 com o primeiro mandato de Ronald Reagan.

Bush, que governara o país durante a Guerra do Golfo, não cumpriu sua principal meta que consistia em tentar combater o aumento de impostos, uma das principais demandas da sociedade norte-americana. A política externa voltada para o Oriente Médio durante os anos 1980 impunha altos gastos ao governo americano, o que gerava diversas críticas da população, defensores de um maior investimento no mercado interno.

Em 20 de Janeiro de 1993, Bill Clinton assumiu a presidência dos Estados Unidos com a proposta de melhorar a economia americana e a fez com sucesso, atingindo um PIB de 8.3 trilhões de dólares em 1997. Porém, questões como política externa, segurança interna e debates sobre a família Clinton, principalmente por causa da imagem da primeira dama Hillary Clinton e do escândalo sexual amplamente explorado pela mídia entre o presidente e a estagiária Monica Lewinsky fortaleceram os Republicanos durante o governo democrata.

No mesmo ano do início do governo Clinton, os Estados Unidos sofreram um ataque que caracterizaria as novas formas de conflito no pós-Guerra Fria e o debate sobre segurança, promovido pela ala mais conservadora do Partido Republicano, seria retomado como uma das demandas principais da política interna norte-americana. O Al-qaeda, grupo terrorista liderado por Osama Bin Laden planejou um ataque ao World Trade Center (WTC), localizado na ilha de Manhattan, área mais nobre de Nova Iorque, centro financeiro dos Estados Unidos. A ação consistiu no uso de carro bomba estacionado na garagem da torre norte com objetivo de

explodir o local, causando um total de 7 mortos, 1042 feridos e destruição do subsolo do local.¹

Outra crítica dos republicanos à Bill Clinton foi a continuidade dos Estados Unidos na Guerra da Bósnia, conflito civil que ocorreu entre 1992 e 1995 e causou milhares de mortos. Bush apoiou o embargo de armas à Bósnia-Herzegovina em 1991 (que beneficiou a entrada do exército sérvio na região), muito criticado por Clinton durante a campanha eleitoral mas que ser eleito defendeu a continuidade do embargo (COLODNY e SHACHTMAN, 2009: 350). Este elemento intensificou as críticas sobre falta de um posicionamento mais claro em relação à política externa norte-americana do governo Clinton, ponto que era considerado principal nos governos anteriores.

Neste período, a intervenção militar seria também debatida na política norte-americana a partir do fracasso da ação na Somália. A guerra civil na país ocorreu nas cidades em que o inimigo não era um exército regular como no Iraque, mas grupos guerrilheiros que utilizavam táticas de guerrilha urbana – rápida locomoção, como veículos leves e esconderijos localizados em diversos pontos das cidades. Sob estas condições, as tropas não poderiam utilizar o poderio aéreo nas cidades, visto que a perda de inocentes seria em grandes proporções, levantando a possibilidade das tropas das ONU, liderada pelos EUA serem questionadas em nível internacional por bombardeios a civis. Os norte-americanos se retiraram do país em 1993, fracassando na intervenção, visto que a decisão da guerra estava na infantaria, os *boots on the ground*, e não na utilização de helicópteros de armamento pesado.

O excesso de taxas sobre a população, aliado aos debates sobre segurança e política externa reergueram os republicanos durante as eleições em 1994 assumindo a maioria na *House of Representatives* (Câmara dos Deputados, que forma o Congresso norte-americano junto com o Senado), algo que não ocorria desde 1954, no governo do republicano Dwight Eisenhower (1890 - 1969). A partir de então, os neoconservadores voltaram ao cenário político norte-americano, a partir de figuras como o articulista William Kristol, o historiador Francis Fukuyama e o empresário Donald Rumsfeld.

¹ Sobre a questão, ver: THE WASHINGTON POST. 5/7/2007. “Homestead, cheap and dangerous: terror cells favor simple ingredients in building bombs”. Em: http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/07/04/AR2007070401814_pf.html. Acesso em: 09/02/2011.

Em 1995, um prédio Federal em Oklahoma foi atacado por carro-bomba pelo norte-americano Timothy McVeigh. Segundo Barry Glassner, o ataque inicialmente teve como suspeitos muçulmanos que possuíam ligações com autores do ataque ao WTC e levou aos americanos uma impressão de que os terroristas possuíam o objetivo de espalhar sentimento de insegurança para a sociedade norte-americana. Porém, ao saberem da identidade do autor do atentado, os *neocons* passaram a travar um debate sobre o problema do Estado em não garantir boas condições de vida para a população de maneira geral, culpando taxas de desemprego e criminalidade no ataque (GLASSNER, 2009: xxi-xxii).

Os ataques às embaixadas do Quênia e Tanzânia em Agosto de 1998 foram organizados pelo Al-Qaeda, que reivindicava a saída dos Estados Unidos na região. Os atentados realizados por carros-bomba causaram um total de 224 mortos e mais de 5 mil feridos, fazendo Bin Laden constar na lista dos 10 criminosos mais procurados do mundo pelo FBI. Os EUA reagiram ao ataque lançando uma ofensiva ao Sudão e Afeganistão, onde acreditavam que existiam propriedades pertencentes ao grupo terrorista no local.

Em 2000, o Al-Qaeda planejou novo ataque aos norte-americanos fora dos Estados Unidos. O USS Cole foi explodido com materiais que chegaram em torno de 300 kgs, acionados enquanto o destróier americano estava atracado no Iêmem. Na explosão, 17 marinheiros morreram e 39 ficaram feridos.

Os atentados à embarcação e às embaixadas marcaram o fim do governo Clinton, duramente criticado por ter se posicionado em determinados debates sobre política externa, principalmente as intervenções e escolha por Kosovo, deixando o massacre ocorrido em Ruanda em segundo plano, e não ter conseguido baixar os impostos, uma das promessas que o levaram à eleição em 1991.

Durante o ano 2000, a campanha presidencial traria o governador do Texas, George W. Bush, do partido Republicano e amplamente apoiado pelos *neocons* (Dick Cheney era candidato a vice-presidente e seu grupo de conselheiros contava com Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz), e Al Gore, vice-presidente de Bill Clinton desde 1993. Gore tinha como proposta a manutenção da agenda do atual mandatário e também se baseava numa política voltada para o meio ambiente, fruto de estudos feitos durante a década de 1990, enquanto Bush tinha como

principal ponto a crítica à política externa e de segurança dos democratas, apoiando-se nos atentados sofridos durante o mandato Clinton.

A eleição deu a vitória aos republicanos. Apesar do baixo índice de popularidade devido a polêmica em torno da quantidade de votos², Bush assumiu a presidência com apoio de sua bancada eleitoral em Janeiro de 2001. Sua agenda, uma das principais da bancada neoconservadora, era pautada numa política de desenvolvimento ao contrário das questões ambientais anunciadas pelo ex-presidente Clinton, pois Bush abandonou o Protocolo de Quioto, que consistia na redução em 5,2% da emissão de gases do efeito estufa durante a primeira década do século XXI.

Em 11 de Setembro de 2001, ocorreu o maior atentado terrorista em solo norte-americano. Uma série de ataques em alvos estratégicos foram realizados utilizando aviões cheios de combustível como bomba. Quatro aviões foram sequestrados por terroristas: dois atingiram as torres norte e sul do World Trade Center em Nova Iorque, ícone financeiro do país, um explodiu no Pentágono, centro de controle militar, e um foi abatido por caças na Pensilvânia e os possíveis alvos eram Casa Branca ou Capitólio. Os ataques causaram quase 3 mil mortes e milhares de feridos, levantou debates sobre segurança interna e política externa do país e aumentou a popularidade de George Bush, que se identificou como patrulheiro e entusiasta da "guerra contra o terrorismo", que visava caçar os responsáveis pela ação.

Como reação aos eventos ocorridos, em Outubro de 2001, foi aprovado pelo Congresso o ato *Unindo e Fortalecendo a América fornecendo ferramentas apropriadas requeridas para interceptar e obstruir o terrorismo* (Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism - USA PATRIOT ACT)³, que tinha como objetivo: inserir a categoria "doméstica" na percepção de terrorismo; aumentar a força das autoridades do setor de migração, que poderiam deportar diretamente

² A discussão se deu a partir da decisão da eleição. Al Gore, numa primeira contagem, foi declarado vencedor e Bush pediu ao Supremo Tribunal que os votos fossem recontados no Estado da Flórida. Ao longo do imbróglio, o partido republicano foi declarado vencedor, pois havia ganho em mais colégios eleitorais (271 contra 266), enquanto os democratas obtiveram mais votos populares (48,38% contra 47,87%). Esse assunto foi muito debatido ao longo do governo Bush, principalmente após os atentados do 11 de Setembro: em 2004, o cineasta democrata Michael Moore fez um documentário (Fahrenheit 9/11, EUA, 2004) acerca dos ataques e usou a polêmica das eleições de 2000 como um contexto. Para mais ver: <http://newsflavor.com/opinions/the-controversy-over-the-2000-presidential-election-results/> Acesso em 29/08/2012.

³ Ver: UNITED STATES, 26/10/2001. *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism - USA PATRIOT ACT*. Disponível em: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-107publ56/pdf/PLAW-107publ56.pdf> Acesso em 05/09/2012.

suspeitos dos atentados e possíveis futuros ataques; aumentar o investimento sobre o FBI; e intensificar a busca de informações a partir da vigilância de atividades na Internet. O documento apresenta parte preponderante da agenda dos neoconservadores, que propunham uma maior política de segurança no país.

Após 2001, os Estados Unidos reformularam sua agenda de segurança interna a partir do *Department of Homeland Security*, criado em 2002 pelo governo Bush através do *Homeland Security Act* (ações previstas no tratado assinado em Outubro de 2001), responsável de garantir a segurança de todo o país, abrangendo desde normas internas do país até no tocante às regulações de migrações e circulação de pessoas pelos Estados Unidos, a partir do controle dos aeroportos e fronteiras do território. Além disso, o órgão é responsável pela segurança de informações (*cybersecurity*) e inspeção de instalações de materiais químicos.

Sobre a política externa, os EUA passaram a adotar o discurso de guerra contra o terrorismo em que o principal alvo seria a caça aos autores do atentado. Em Outubro de 2001, tropas norte-americanas invadiram o Afeganistão com objetivo de derrubar o regime Talibã, que, segundo a Estratégia de Segurança Nacional, países que abrigavam terroristas eram cúmplices, tornando necessária a invasão para a segurança mundial (WHITE HOUSE, 2005: 5).

Uma diferenciação entre conceitos de guerra é necessária para compreendermos a agenda de política externa norte-americana ao longo da primeira década do século XXI e seus críticos. Enquanto o documento americano nos mostra uma nova forma de conflito para os Estados Unidos, a guerra preventiva – sem legislações reconhecidas pelo Direito Internacional (SILVA, 2010: 21), sob argumento de atacar para se prevenir de possibilidades de ataque com armas de destruição em massa por terroristas localizados em Estados falidos (WHITE HOUSE, 2002: 14). A guerra preemptiva, seria ataque de um país sobre uma ameaça real, evidenciada por informações, coletadas pelo sistema de inteligência, que deve ser eficaz e veloz no processamento e análise das fontes (RICE, 2002).

A Guerra do Afeganistão foi uma guerra reativa e punitiva, pois, para os Estados Unidos, o conflito não foi considerado somente como uma forma de encontrar os membros do Al-Qaeda, pois a inteligência americana possuía fontes que apontavam o possível paradeiro

no Afeganistão, mas também utilizado para evitar novos ataques a partir das ameaças pré-estabelecidas com os atentados do 11 de Setembro, procurando sufocar o grupo com a invasão e bombardeio de áreas estratégicas do país.

O discurso sobre a Guerra do Iraque é diferente: o argumento da existência de armas de destruição em massa levou países que apoiaram os EUA na investida contra o Afeganistão, como França e Alemanha, a criticarem o governo norte-americano por invadir o país sem provas concretas das armas de destruição em massa, classificando o conflito como uma guerra preventiva. Em 1998, Donald Rumsfeld desenvolveu um relatório apontando países como Irã, Iraque e Coreia do Norte sendo ameaçadores pela possibilidade de posse de armas de destruição em massa no ano de 2005. Tal relatório teria sido ponto determinante para a invasão do Iraque em 2003, visto que os Estados Unidos passou a adotar uma postura mais firme após os atentados do 11 de Setembro com estes países (COURMONT e RIBNIKAR, 2009: 52).

O conflito no Iraque possuiu duas fases: a invasão à capital e ocupação do território. A primeira foi considerada um sucesso em termo estratégico-militar, pois a tomada de Bagdá durou três meses: Donald Rumsfeld utilizou uma renovação da blitzkrieg alemã, caracterizada pela utilização de carros táticos para rápida locomoção e proteção da infantaria. Além disso, militares norte-americanos possuíam instrumentos tecnológicos avançados, facilitando o combate direto às tropas iraquianas. Já a segunda fase, a ocupação do território e instalação de um novo governo, os Estados Unidos fracassaram, pois resistência formada pelos grupos pró-Saddam Hussein, antigos oficiais das Forças Armadas iraquianas e população do país, fizeram muitas baixas nas tropas estadunidenses, revisitando uma síndrome que o país tentara apagar com modernização do exército e novas formas de conflito.

O 11 de Setembro também causou danos econômicos consideráveis em escala global. Ao aumentar o percentual do orçamento militar, os Estados Unidos oneraram sua máquina administrativa, culminando na baixa dos impostos com intuito de ganhar apoio popular para a invasão do Iraque, gerando graves consequências às grandes empresas, bancos e população, que faliram após o comprometimento da extensa linha de crédito do país. Neste contexto, assistimos a uma crise econômica em 2008 de escala global, comparada à quebra da bolsa de

valores de Nova Iorque em 1929, que deixou centenas de pessoas desabrigadas, devido a hipotecas e crediários de imóveis, desaquecendo a economia.

A crise econômica somada a eleição de Barack Obama para presidente em 2008 intensificou a atuação dos movimentos conservadores nos Estados Unidos. Para superar a crise, Obama propôs uma grande reforma nos impostos e em questões sociais, que serviriam para auxiliar a população a reerguer a economia do país, principalmente fortalecendo o mercado interno e dando segurança para as grandes empresas do país.

Neste contexto que está inserido o Tea Party. O grupo começou a ser pensado em Fevereiro de 2009, quando Rick Santelli, jornalista e comentarista do noticiário matinal da CNBC, criticou em público a política econômica do novo governo, a partir de um pensamento político embasado nos Pais Fundadores⁴, reforçando a necessidade de uma mobilização da população o excesso de impostos cobrados pelo governo. Nesse sentido, a luta seria pela liberdade, assim como havia sido durante a Festa do Chá, manifestação popular ocorrida em 16 de Dezembro de 1773 contra impostos cobrados pela Coroa Britânica.

Em 15 de Abril de 2009, no *Tax Day* (dia de recolhimento das taxas para o tesouro americano), manifestantes foram às ruas de diversas cidades nos Estados Unidos para protestar contra o excesso de impostos, lembrando histórias da revolução e como o povo americano havia conseguido o direito de liberdade. Barack Obama estava sendo chamado de arrogante e sua administração foi comparada à das colônias americanas pela Inglaterra no século XVIII.

A manifestação repercutiu em todo o país. Diversos setores da sociedade norte-americana passaram então a fazer parte do Tea Party não somente para protestar contra a política econômica do país que ainda vive os reflexos da crise de 2008, como também reivindicar mudanças em aspectos sociais como a proibição da união civil de homossexuais, sob o argumento de que o Estado foi criado por homens cristãos, que acreditavam no matrimônio como base para a constituição da família.

O Tea Party não é um movimento uníssono, existem diversas divergências nas ideias entre alas e cidades. Por exemplo, a crítica feita por membros do grupo sobre a visão da mídia

⁴ Pais Fundadores é o termo dado aos indivíduos que influenciaram ou articularam a declaração de independência dos Estados Unidos, tendo como principais ícones: Thomas Jefferson, George Washington, Thomas Paine, Benjamin Franklin, dentre outros.

norte-americana em classificar o movimento como racista e xenófobo (uma ala do Tea Party critica Obama por ter nome muçulmano e ser negro), mas admitem o pensamento divergente existente dentro do Tea Party. Outro episódio é a coalizão com Sarah Palin, candidata a vice-presidência nas eleições de 2008 pelo partido republicano e ex-governadora do Estado do Alaska, na qual diversos setores do grupo não concordavam com determinadas ideias (principalmente o ataque direto à Obama e não sua administração), mas a apoiavam por ser oposição ao presidente dos Estados Unidos.

O atual grupo tem semelhanças com o movimento dos anos 1970, pois retomam a memória da festa do chá como união de oposição ao governo. É importante lembrar que as manifestações durante o bicentenário da festa do chá foram marcadas pelas duras críticas ao presidente Richard Nixon, aumentadas pelo episódio de Watergate em 1972, quando foram levantadas suspeitas que Nixon havia consentido e participado de um esquema ilegal de espionagem ao partido Democrata no período das eleições presidenciais. Os manifestantes saíram às ruas vestidos com roupas da época da revolução americana, reivindicando o impeachment do presidente Nixon. A mesma ação pode ser vista nos protestos contra o atual presidente, quando membros do Tea Party saem às ruas vestidos de colonos para protestar as medidas administrativas do governo Obama.

Outra questão debatida neste período foi o currículo escolar. No Texas, a comissão de educação sugeriu propostas de alteração nos estudos de História: as figuras das personalidades, neste caso os Pais Fundadores, seria exaltadas enquanto temas como direitos civis - que abordavam a questão dos negros, mulheres e homossexuais -, foram preteridas para ser estudado nacionalismo e cidadania. Conceitos também foram alterados em sala de aula: capitalismo e escravidão passaram a ser ensinados como livre concorrência e economia triangular no período colonial, respectivamente. Temas como Macarthismo e a resurgência dos movimentos conservadores na década de 1980 passaram a ser tratados como pontos positivos da política americana, que auxiliaram no desenvolvimento do país.

A política norte-americana voltou-se ao conservadorismo. Segundo Jill Lepore, historiadora da Universidade de Harvard, esta tendência se mostra na história do país, pois todas as crises que ocasionam problemas econômicos e sociais fez com que a população fortalecesse os movimentos conservadores, seja na questão migratória ou no debate em torno

dos impostos. Dessa forma, os conceitos de liberdade e direito são colocados por esses indivíduos a partir do passado da revolução americana, funcionando como uma espécie de revisitação ou *remake* das manifestações ocorridas naquela época.

Remakes e revisitações, combinados com histórias elaboradas por equipes de roteiristas, são elementos que os cineastas procuram utilizar nos seus trabalhos para analisar o contexto da sociedade. Nos Estados Unidos, as histórias costumam ser baseadas em questões políticas contemporâneas, visando maior audiência do público em geral, pois o funcionamento da indústria cinematográfica norte-americana, desde a criação de Hollywood na década de 1910, tem como objetivo a produção de lucro a partir do lançamento semanal de filmes.

Nesse sentido, as superproduções tem papel fundamental para incitar a discussão sobre agendas políticas, questões sociais, culturais e econômicas, diluídas em histórias elaboradas para o público norte-americano em geral (até mesmo internacional). Em 1996, por exemplo, o filme *Independence Day*, de *Steven Spielberg*, tratou de uma série de discussões sobre a imagem do presidente, sua relação com a família e a revolta de alguns grupos políticos exposta na cena da explosão da Casa Branca.

Em Novembro de 2001, o filme *Homem-Aranha (Spider-man)* causou polêmica ao lançar os trailers de divulgação do longa-metragem com cenas de uma fuga de bandidos que acabam ficando presos numa teia feita pelo herói no alto das torres gêmeas, causando uma intensa discussão sobre o assunto, a partir da ligação entre heróis e o atentado ocorrido em Setembro. A equipe de produção de *Homem-Aranha*, filme norte-americano com maior venda de bilhetes até hoje registrada na história cinematográfica dos Estados Unidos, alterou o trailer após a repercussão e lançou o filme em 2002 sem tratar sobre o assunto.

Além disso, figuras icônicas do cinema norte-americano são usualmente lembradas em casos de discussão política e nos atentados cometidos contra os Estados Unidos. *John Wayne* (1907 - 1979), astro dos westerns e simpatizante do Partido Republicano⁵, foi uma das figuras que foram aclamadas no 11 de Setembro, pois sua imagem de xerife protetor era fundamental para os americanos naquele momento.

⁵ Wayne, republicano convicto e conservador, tinha como principal bandeira em seus filmes a ode ao nacionalismo e defesa dos ideais americanos. Ele ficou marcado pela população americana como um ícone do patriotismo, um herói que devia ter preponderância em tempos de crise. Esta imagem se dá graças ao posicionamento político do ator durante a Guerra Fria, apoiando a caçada aos comunistas nos Estados Unidos. Ver em: MATELSKI, Marilyn J. e STREET, Nancy L. *War and film in America: historical and critical essays*. North Carolina: McFarland, 2003.

Assim, nosso trabalho está inserido neste contexto: a agenda dos movimentos conservadores em torno das mudanças políticas nos Estados Unidos entre 1992, com o início do governo Clinton, e 2012, com as eleições para presidência no país, e como as superproduções do cinema norte-americano debatem questões propostas pelos conservadores como segurança, controle de armas, política externa, migração, meio ambiente, homossexualismo e aborto.

Fontes utilizadas:

A pesquisa tem como objetivo principal a análise da agenda política dos movimentos conservadores a partir do cinema. Portanto, a maior parte de nossas fontes serão longas-metragens.

Os critérios escolhidos para a realização da pesquisa de doutorado foram a utilização das oito maiores bilheterias, por lucro e número de bilhetes comprados⁶, do cinema norte-americano durante o período selecionado para o estudo, assim teremos maior repercussão na mídia e noção de recepção a partir da análise quantitativa. Além disso, os filmes serão restritos a ficções voltadas ao público adulto (desconsiderando animações e documentários) e que possuam temas verossímeis sobre discussão da agenda política dos movimentos conservadores contemporâneos do país, dentro das categorias expostas na introdução deste projeto.

O primeiro de maior bilheteria foi Homem-Aranha (*Spider-man*, EUA, 2002, 128min), com um total de 9.15 bilhões de dólares e 1.57 milhões de ingressos comprados. O filme conta a história inicial do super-herói da Marvel, criado por Stan Lee, que ganhou seus poderes após ser picado por uma aranha criada num laboratório. Homem-Aranha, o primeiro filme de super-herói dos quadrinhos adaptado para o cinema após o 11 de Setembro, teve como pontos de discussão o polêmico trailer lançado com o personagem fazendo uma teia entre as torres gêmeas e a própria existência do herói, melancólico devido a uma grande perda

⁶ A listagem pode ser vista em: <http://boxofficemojo.com/yearly/?sort=totalgross&order=DESC&p=.htm> (para ordem de lucro) e <http://boxofficemojo.com/yearly/?sort=totaltickets&order=DESC&p=.htm> (por bilhetes comprados). Acessos em 09/09/2012.

sofrida durante a história (comparável aos dramas familiares ocasionados pelos atentados em 2001).

Avatar (*Avatar*, EUA, 2009, 162min) é o filme com maior lucratividade de bilheteria (10.59 bilhões de dólares), mas possui menos bilhetes comprados que *Homem-Aranha* (1.47 contra 1.57 milhões). Produzido e dirigido por *James Cameron*, o longa-metragem conta a história de um soldado norte-americano que é enviado para uma lua distante chamada Pandora, com o intuito de participar de um grupo de exploração do local, contado com duas equipes: escavadores, que buscavam um minério valioso no subsolo de Pandora, e cientistas, que procuravam estudar fauna e flora e interagir com os nativos do local. A antítese entre os grupos, uma franca briga entre economia, Forças Armadas e meio ambiente, a questão do outro e política externa são pontos principais de discussão sobre a história do filme.

O *Resgate do Soldado Ryan* (*Saving Private Ryan*, EUA, 1998, 169min) teve uma bilheteria de 6.94 bilhões de dólares e 1.48 milhões de ingressos comprados. O filme conta a história de um grupo de soldados durante a Segunda Guerra Mundial que recebe a missão de resgatar um homem cuja família já havia perdido muitos membros ao longo dos conflitos. O debate sobre moral e honra (a partir da relação entre o grupo e o questionamento sobre a necessidade de resgate de Ryan, diante das dificuldades de encontrá-lo), um dos pontos muito explorado naquele momento nos Estados Unidos devido ao escândalo sexual entre Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinsky.

Homem-Aranha 3 (*Spider-man 3*, EUA, 2007, 139min) atingiu marca de 9.66 bilhões de dólares em bilheteria e 1.40 milhões de ingressos vendidos. O filme conta a continuação da história do homem-aranha e sua batalha interna contra Venom, que em alguns momentos serve como alter ego de Peter Parker. A substância negra que corrompe o herói levanta o debate sobre a oposição à Barack Obama, potencial candidato à presidência naquele momento.

Titanic (*Titanic*, EUA, 1997, 194min) teve uma bilheteria de 6.36 bilhões de dólares e 1.38 milhões de ingressos comprados. O filme conta uma relação amorosa entre Jack, pobre que buscava novas oportunidades na vida, e Rose, de família nobre, dentro da história do transatlântico Titanic, que afundou em sua viagem inaugural de Southampton a Nova Iorque em 1912. A polarização social nos EUA é explicitada pela relação entre Jack e Rose, além dos

aspectos sobre os imigrantes: todos pobres, que iriam tentar novas oportunidades em Nova Iorque.

Batman - o cavaleiro das trevas (*The Dark Night*, EUA, 2008, 152min) é o sexto filme escolhido e possuiu um índice de bilheteria de 9.63 bilhões de dólares e 1.34 milhões de ingressos comprados. O longa-metragem é o segundo da trilogia de Christopher Nolan e conta uma nova abordagem da luta entre o homem-morcego e seu arquirrival Coringa (uma marcante atuação de Heath Ledger) na cidade de Gotham, uma modificação de Nova Iorque. Temas como segurança, a partir da corrupção dos policiais, imagem do Batman, porte de armas e moral da sociedade, abordada através da discussão sobre pena de morte e a atuação do procurador Harvey Dent, um ícone da luta contra os criminosos, são alguns elementos a serem debatidos.

Os Vingadores (*The Avengers*, EUA, 2012, 143min) tem uma bilheteria que está sendo cotada (o lançamento é recente - Abril) em 7.65 bilhões de dólares e 954 mil bilhetes comprados. O filme conta a história dos vingadores, um grupo formado pelos heróis da Marvel: Homem de ferro, Thor, Hulk, Capitão América, Viúva Negra e Capitão Arqueiro, que tem como missão salvar o planeta diante de uma ameaça extraterrestre. A discussão em torno da segurança, posse de armamentos e uso de armas nucleares são elementos presentes no filme, que serão debatidos na pesquisa.

Por fim, *Independence Day* (EUA, 1996, 145min) segue a linha de ameaça alienígena de Os Vingadores, porém sem super-heróis. O filme teve bilheteria estimada em 5.91 bilhões de dólares e 1.33 milhões de ingressos comprados e conta a história sobre uma invasão alienígena combatida principalmente pelos Estados Unidos. O simbolismo em torno da cena da explosão da Casa Branca, a imagem do presidente e primeira-dama e a participação efetiva de um negro e um judeu na "vitória da humanidade" são elementos a serem discutidos ao longo da tese.

Será considerado a recepção qualitativa a partir da mídia especializada em jornais dos Estados Unidos, a saber: *New York Times*, um dos maiores jornais e localizado no centro financeiro do país; *The Arizona Republic*, ligado ao portal *azcentral.com*, por ser de um dos Estados mais conservados dos EUA; e *The Boston Globe*, em Boston, Massachussets, local

onde o Tea Party tem grande presença por conta da grande influência da Revolução Americana, principalmente o movimento que deu nome ao grupo.

Em relação ao estudo de política norte-americana durante o período selecionado, utilizaremos os números das eleições para presidente e Congresso (Senado e Câmara dos Deputados) disponibilizados pelos sítios eletrônicos de cada instituição⁷, que auxiliarão no mapeamento dos partidos durante os pleitos, importantes para relacionar com as discussões de agendas políticas em cada período.

Métodos utilizados

Como metodologia optamos pela utilização da comparação e cruzamento, que serão usados a partir da relação entre as categorias apontadas durante a pesquisa e os filmes selecionados, descritos acima.

Jürgen Kocka afirma que a comparação é um elemento importante para “ajuda a identificar questões e a esclarecer perfis de casos singulares. Ela é indispensável para explicações causais e suas críticas ajuda a criar um clima menos provinciano à investigação histórica”(KOCKA, 2003: 39). A comparação auxilia na construção de um conhecimento globalizante, menos restrito, aumentando as possibilidades de estudo, e depende de elementos escolhidos pelo historiador a partir de uma linha criteriosa coerente com sua pesquisa.

Os critérios escolhidos para a realização da tese serão pensados e realizados a partir da História Cruzada, no qual utilizaremos categorias fixas, neste caso aspectos gerais da agenda política dos conservadores norte-americanos, para cruzar as fontes selecionadas, filmes de grande bilheteria dos Estados Unidos. Este método, para os professores da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, tem como principal objetivo a interseção dos objetos de estudo e relaciona aspectos culturais, sociais e políticos supondo que há uma relação entre os elementos selecionados. Assim, ela permite que analisemos o problema a partir de escalas como categorias de análise, elemento importante para o estudo que será realizado (WERNER e ZIMMERMANN, 2006: 30-33).

Bibliografia

⁷ <http://www.whitehouse.gov/>, <http://clerk.house.gov/index.aspx>, <http://www.house.gov/>. Acessos em 09/09/2012.

- ANDREW, J. Dudley. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BALLARD, Tom. *Hollywood 9/11: superheroes, supervillians and super disasters*. Colorado: Paradigm, 2011.
- BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 1995.
- BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution on France*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CANES, Mark C.. *Passado imperfeito: a história no cinema*. São Paulo: Record, 1997.
- COLODNY, Len e SHACHTMAN, Tom. *The forty years war: the rise and fall of the neocons, from Nixon to Obama*. New York: HarperCollins, 2009.
- DELAGE, Christian. *La vérité par l'image. De Nuremberg au procès Milosevic*. Paris, Denoël, 2006.
- EDSALL, Thomas Byrne; EDSALL, Mary. *Chain reaction: the impact of race, rights, and taxes on American politics*. New York: 1991.
- FERRO, Marc. *Cinéma et Histoire*. Paris: Gallimard, 1993.
- FURHAMMAR, Leif e ISAKSSON, Folke. *Cinema e política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- KEMP, Philip. *Movies: from the silent classics of the silver screen to the digital 3-D era*. New York: Quittance, 2011.
- KIRK, Russel. *The Conservative Mind*. Alabama Institute Policy. 2001.
- KOCKA, Jürgen. *Comparision and Beyond*. In: *History and Theory*, n. 42, 2003.
- LEPORE, Jill. *The White of their eyes: the Tea Party's revolution and the battle over American history*. New Jersey: Princeton University Press. 2010.
- LOTMAN, Yuri. *Estética e semiótica do cinema*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- MATELSKI, Marilyn J. e STREET, Nancy L. *War and film in America: historical and critical essays*. North Carolina: McFarland, 2003.
- MONACO, James. *How to read a film*. New York: Oxford university press, 2009 (4ed.)

RIDGEWAY, James. *Blood in the face: the Klu Klux Klan, Aryan Nations, Nazi Skinheads and the rise of a new white culture*. Thunder's mouth press, 1995.

ROSENBAUM, Jonathan. *Movie wars: Hollywood and the media conspire to limit what films we can see*. Chicago: Capella books, 2000.

SILVA, F.C.T (org.). *Dicionário Crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Campus, MAUAD, 2000.

_____. (org). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elviesier, 2004.

_____. *Terrorismo na América do Sul: uma ótica brasileira*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

SORLIN, Pierre. *The film in history: restaging the past*. New Jersey: Barnes & Noble books, 1980.

_____. *Sociologia del cine: la apertura para la historia de mañana*. México: Fondo de cultura económica, 1985.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Beyond Comparison: "Histoire croisée" and the Challenge of Reflexivity*. *History and Theory*, v. 45, no. 1, p. 30-33, February 2006.